



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Vol. 15, número 1, jan-jun, 2022, pág. 250-264.

O ATENDIMENTO PSICOPEDAGÓGICO COM ADOLESCENTES: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Adriana Ribeiro Batista Carvalho
Sergio Carvalho de Sousa
Elen Alves dos Santos

Resumo:

Este artigo apresenta relato de experiência do estágio em intervenções psicopedagógicas com adolescentes com dificuldades escolares. O objetivo deste artigo é apresentar como o manejo deste público na psicopedagogia envolve a compreensão de adolescência na contemporaneidade, e o mal-estar que perpassa a educação e a própria adolescência. Analisamos quão importante é ao psicopedagogo entender as questões que perpassam a adolescência e suas vicissitudes.

Palavras chaves: Adolescentes; Manejo com adolescentes; Psicopedagogia.

Abstract

This article presents an experience report of the internship in psychopedagogical interventions with adolescents with school difficulties. The aim of this article is to present how the management of this audience in psychopedagogy involves the understanding of adolescence in contemporary times, and the malaise that permeates education and adolescence itself. We analyze how important it is for the psychopedagogue to understand the issues that permeate adolescence and its vicissitudes.

Key words: Adolescents; Management with adolescents; Psychopedagogy

1. Introdução

Neste artigo fazemos uma apresentação teórica breve seguidamente de dois relatos de casos sobre o atendimento de adolescente na clínica psicopedagógica. Ao longo do tempo, a psicopedagogia teve mudanças significativas, como a sistematização teórica e prática no atendimento de crianças, adolescentes e adultos com queixas de aprendizagem. A Epistemologia Convergente é um arcabouço teórico consolidado no trabalho psicopedagógico, criada pelo psicopedagogo argentino, Jorge Visca (1987), a



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

qual compreende o processo da aprendizagem sob três perspectivas: psicogenética (Piaget), psicologia social (Pichon-Rivière) e psicanálise. Desta forma, a aprendizagem é compreendida como um conjunto integrado de aspectos cognitivos, emocionais e sociais que se entrecruzam como possibilitadores ou dificultadores da aprendizagem. No atendimento psicopedagógico a realidade social/cultural, afetiva e cognitiva deve ser considerada e observada, de que forma, as queixas no processo de aprendizagem denunciam dificuldades nessa relação social/cultural-afetivo-cognitivo.

Considera-se que na adolescência esses aspectos precisam ser analisados no atendimento, devido à série de transformações que são desencadeadoras para uma mudança também na relação que o adolescente estabelece com a aprendizagem. Segundo Piaget (1964, p. 112), na puberdade há mudanças significativas do ponto de vista emocional e cognitivo, equivalentes ao estágio do pensamento formal. “Os adolescentes têm seus poderes multiplicados, estes poderes, inicialmente, perturbam a afetividade e o pensamento, mas depois, os fortalecem”. Esses “poderes” revelam a expansão cognitiva, a capacidade de abstração, de construção de teorias e sistemas, questionamentos que estão entrelaçados também aos aspectos emocionais.

No atendimento ao adolescente, o profissional da psicopedagogia deve estar atento às mudanças que acometem o adolescente, para compreender as questões de déficit de aprendizagem, no contexto da relação do adolescente com o mundo, com a escola, com seus pais e com seu corpo. A adolescência é o momento em que o adolescente vai se deparar com seu narcisismo, com o luto do corpo infantil, terá que lidar com o ideal de filho e de aluno, expectativas realizadas pelos pais e pela escola. Muitas das dificuldades que ressurgem na adolescência tratam também de um ressurgimento de conflitos na constituição subjetiva, o qual parece provocar um “desligamento” do adolescente.



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Segundo Carneiro e Coutinho (2020) existe um mal-estar na educação, em que esbarra com o mal-estar próprio da adolescência, de lidar com o próprio corpo, do afastamento simbólico dos pais. As autoras consideram que os adolescentes percebem a escola como um espaço de contradições e ambiguidades.

Segundo Sampaio (2008) há questões que estão surgindo entre adolescentes na passagem de um nível escolar a outro, como da 2ª fase do Ensino fundamental para o Ensino Médio. Porém, essas questões não se configuram como dificuldades de aprendizagem, entretanto, os adolescentes não alcançam o resultado que era esperado. A autora pontua que a consolidação da aprendizagem está atrelada a dois fatores: agressividade e prazer. Estes, por sua vez, não devem ser levados ao extremo como consequências negativas do processo de aprendizagem. Sendo, deste modo, mais interessante o revezamento de ambos para uma manifestação de completude.

Para a autora, o fenômeno da recusa, neste caso, refere-se a recusa escolar que tem a impressão de uma deficiência originária do aparelho psíquico na qual o adolescente não se percebe preparado para enfrentar seu próprio desenvolvimento e por isso precisa de ajuda de familiares e outros que julgar necessário. A recusa escolar, por sua vez, causa lacunas, desequilíbrios e a falsa sensação de controle de seus desejos, além de descartar a ajuda dos pais por acreditar que não precisa deles, quando na verdade não sabem lidar com a escassez de repertório interno para suas demandas de ordem subjetiva e intrapessoal pelo período em que estão atravessando. Deste modo, colocam em sentido contrário sua dependência dos pais agindo como autores de suas próprias vontades.

A vivência do adolescente na recusa é pautada por definições particulares de seu modo de ser através da tentativa de autogerenciamento de seus sentimentos e de revelar quem de fato ele é. Isto acaba se mostrando como



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

um embate para os pais que estão sendo excluídos e ao adolescente como um prejuízo por não perceber que os pais seriam ótimos aliados nessa trama.

2. Referencial teórico

Para o psicanalista inglês, Winnicott (2021) o adolescente tem necessidades para continuar seu processo de desenvolvimento emocional, mesmo que estes demonstrem desejo de afastamento dos pais e da escola, precisa ter por perto, adultos “fortes e confiantes”, ou seja, pessoas que tenham paciência de estarem ao lado do adolescente neste tempo do desenvolvimento. Nas palavras de Winnicott é preciso esperar o tempo passar, sem exigir um desenvolvimento em que o adolescente ainda não tem.

Segundo Coutinho (2009), na adolescência é necessário a aquisição de uma linguagem que permite integrar as variações históricas e culturais, apropriando-se de um discurso próprio. Tal processo implica em afastar outro (parental), presente na infância com figura soberana frente a discurso, e aceite o outro (cultural) pertinente a uma ação de sujeito quanto espaço e contexto social.

Nesta concepção, na qual o sujeito adolescente reivindica o ideal para si, que vem dos elementos parentais e sociais, se coloca a agir em nome próprio e posicionando-se como espaço de fala e pertencimento. Winnicott discute a configuração de um processo solitário que busca verdade e pertencimento, em meio a um espaço de vulnerabilidade e imaturidade (MACHADO e PEREIRA, 2010).

A adolescência, nesta conjuntura, é uma construção cultural, mas pode ser interrompido por invasões e intervenções devido à falta de provisão ambiental. Estas invasões e/ou mesmo interrupções são acolhidas em grupos que vem a fornecer elementos e suporte para ressignificação individual, ou seja, são a base de sustentação, em que partem da bagagem cultural de



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

concepção familiar, de um lar, uma morada de reconhecimento e experimentação (OLIVEIRA e FULGÊNCIO 2010).

Neste ambiente, o adolescente busca por verdades, rejeita todas as hipóteses que lhe soam falsas e sente necessidade de experimentação para conhecer em sua essência o que está posto conforme suas indagações e as vivências do seu universo. Por isso, Winnicott recomenda autenticidade na relação e rejeita lições de moral ou conselhos. Os adolescentes apresentam comportamentos que são apreciados como um processo de amadurecimento, período no qual o indivíduo sedimenta as suas conquistas e constitui a sua personalidade. Nesta concepção, a família e a sociedade continuam sendo, sumamente, importantes como ambiente facilitador capaz de acolher a imaturidade do adolescente, a sua oscilação dependência-independência, o seu sentimento de irrealidade, a sua necessidade de ser alguém em algum lugar, de confrontação, de procurar as próprias soluções e de não aceitar falsas soluções (MACHADO e PEREIRA 2010).

Nesse aspecto, a psicanalista francesa Françoise Dolto (2004) enfatiza a grande responsabilidade que os educadores têm para com os adolescentes, e, tal como Winnicott, a autora sinaliza que o contexto escolar pode ser um espaço que sustente o adolescente nesse processo, haja vista, a inconsistência familiar. O escrito “a causa dos adolescentes” de Dolto (2004) direcionado para pais e educadores, é de grande valia para estudos científicos, a autora reafirma o quanto é importante que o trabalho com os adolescentes seja investido de persistência pelo educador, mesmo que não haja resultados imediatos, é preciso suportar o zombar e a crítica do adolescente.

“Entregues a si mesmos, os jovens de hoje não são levados em conjunto e solidariamente de uma margem para outra; eles mesmos devem se dar esse direito de passagem. E isso requer uma conduta de risco” (DOLTO, 2004, p. 18).



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Com essas considerações, entende-se que o psicopedagogo, quando procurado no apoio a escolarização do adolescente, é um adulto primordial, que como apresentado precisa manter-se consistente e paciente no atendimento ao adolescente. É necessário encontrar uma via de comunicação acessível, um elo de intervenção educativa ampla e consistente, pautada no processo de desenvolvimento do paciente, sem desconsiderar as dimensões afetivas, cognitivas, orgânica e psicossocial.

Além disso, é preciso proporcionar ao adolescente um ambiente que esteja disponível para a comunicação verdadeira, que facilite a integração da sua instintualidade e exerça a lei sem retaliar. Uma construção dialética que visa a aliança terapêutica em que o adolescente se sinta acolhido para apresentar seu modo de pensar e expor suas ideias sem medo de ser julgado ou repreendido para que então suas questões sejam acessadas respeitosamente, desprovidas de críticas ou rejeições.

Segundo Coutinho (2009), o trabalho pautado na palavra se mostra mais eficiente quando esta fala é direcionada para uma intenção, uma investigação com o adolescente. Quando é ofertado aos adolescentes um espaço de fala e reconstrução de novos sentidos acerca de sua percepção de si mesmo, do lugar de morada, dos vínculos atrelados ao espaço em meio a trocas, por onde circulam ou mesmo como são vistos por nas suas identificações horizontais e verticais, estamos, na verdade convidando-os a exercer uma reflexão sobre o seu lugar nas relações que se estabelecem.

Construção do caso

Os dois casos apresentados a seguir foram atendidos na clínica-escola de um Centro Universitário localizado no Distrito Federal, na prática de estágio em Intervenções Psicopedagógicas, no ano de 2020 a 2021. É importante ressaltar que a lista de pacientes para a clínica psicopedagógica constava muitos adolescentes na lista de espera.



Caso clínico 01

Adolescente, 12 anos, diagnosticado com Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH), acompanhado pelo Sistema Único de Saúde (SUS), regularmente matriculado no 5º ano do ensino fundamental, foi encaminhado à clínica escola, com a queixa pautada na dificuldade de aprendizado, pela escola pública regular de educação básica.

Na entrevista familiar, a mãe relatou que o adolescente apresenta diagnóstico de Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade-TDAH, baixo humor, agressividade, falta de concentração e agitação excessiva. Nas primeiras entrevistas com o paciente, observou-se um sujeito interessado, participativo, comunicativo e muito paciente, que apresentava problemas com a organização das atividades propostas.

Os atendimentos como ocorreram na pandemia do COVID-19 foram feitos pelo google *meet* semanalmente. Os primeiros atendimentos propuseram-se atividades de interesse do adolescente: usar o telefone celular. Isto foi uma porta de entrada para estabelecer vínculo e iniciar o procedimento de conhecer sua história e permitindo-lhe opinar sobre seus gostos e motivos pelos quais os considerava tão interessantes. Com esta estratégia, foi possível conhecer seu modo de funcionamento psíquico, suas defesas e resistências, e elaborar atividades que seriam aplicadas nas sessões. O adolescente narrava suas atividades, seus anseios, seu repertório de lazer; em cada fala, os estagiários captavam detalhes que seriam explorados, posteriormente, como por exemplo: gosto por atividades visuais, interativas, que exploram aventuras, movimento, agitação, música, que exige esforço físico, rapidez, muita alegria e aplicabilidade à sua vida. Isto serviu como referência para direcionar o que seria realizado em seguida nos atendimentos.

O êxito na relação entre o adolescente e os estagiários se deu pela liberdade da construção do manejo a ser explorado. Os estagiários mostraram-



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

se acessíveis e desejosos em conhecer quem era a pessoa que estava diante deles com uma interação de nível de comunicação peculiar ao do adolescente, respeitando seu tempo e usando suas descrições para explorar os conteúdos que iam se revelando em cada sessão e a partir disso a liberdade para perceber preferências. Assim, como recorreu-se a construção de atividades psicopedagógicas, para trabalhar questões que eram trazidas pelo adolescente, como as temáticas: até onde posso acessar pela via do conhecimento, organização e planejamento de atividades, e sobretudo, apreender a importância de conteúdos estudados. Com isto, foi perceptível o fluir da interação por meio das atividades propostas enlaçadas pela empatia, acolhimento de pensamentos e ideias que este acredita bem como seu modo de ser e de viver, seus contextos, preferências e subjetividades.

Deste modo, o setting terapêutico virtual ganhou ampliação além da tela de equipamento tecnológico e atravessou questões que aconteciam na casa e na família do adolescente em atendimento e reverberou na fala deste que busca ser compreendido, aceito e norteado, não só por suas demandas e queixas escolares que lhe surgem, mas também por sua individualidade, desafio e curiosidade pertinentes ao seu desenvolvimento.

A todo momento, os estagiários eram interrogados como fonte de apoio e compreensão pelas questões que foram dialogadas. Nos atendimentos, houve uma desconstrução das dificuldades de aprendizagem. Estas, por sua vez, precisaram de modos adaptáveis para sua compreensão revelando uma execução com êxito contrariando a ideia de dificuldade de aprendizagem, porém com evidências de que quando explicadas de modo específico há ganho de repertório em conteúdos escolares (português e matemática), objetivos alcançados e aprendizagem acontecendo de modo prático, devido questões subjetivas terem sido tratadas com respeito, recebidas sem julgamento e devolvidas com esclarecimentos breves.



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)
Sobre a Intervenção

Sobre a ótica, o setting na psicopedagogia é igual para todos os pacientes, no entanto, como no caso de adolescentes devem ser acentuados de uma maneira diferente, respeitado o espaço, oportunizando fala, pois bem como observa Winnicott, este sujeito está em uma de transição na construção de suas verdades, ao mesmo tempo, buscando pertencimento social (OLIVEIRA e FULGÊNCIO, 2010).

Um ponto importante em relação à preservação do setting é a inclusão ou não, de parâmetros por parte do psicopedagogo, pois é necessário que este profissional fique atento à possibilidade de estar cometendo pequenas, mas reiteradas, transgressões, como falar muito, prolongar excessivamente o tempo da sessão entre outros.

No espaço de encontro, a cada sessão, era reservado um momento para falar, uma fala direcionada para uma intenção, uma investigação com o adolescente, cujo objetivo pautou-se em estabelecer um apoio para elaboração de elementos necessários à construção de sua aprendizagem. Para construção desta ferramenta foi necessário o estabelecimento de um contrato entre as partes atuantes, de forma assimétrica, sobre atuação dos papéis contratantes. O relevante a destacar é que o setting não deve ser comportar como uma situação meramente formal e passiva, mas pelo contrário tem atuação ativa e determinante na evolução do atendimento.

Após esse momento inicial, em cada sessão, eram desenvolvidas atividades de atenção dividida e alternada, concentração, interpretação de imagens e de textos, além de um repertório lúdico envolvendo leitura, escrita e cálculos matemáticos a partir de jogos, dinâmicas e percepções cognitivas atreladas a contextos do cotidiano, como estabelecer diferenças, organização de atividades escolares, esclarecimento de comandos, inferências por imagens, concentração para apreciar detalhes, descrever sequências e até simulação de



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

compras em um supermercado para averiguação de cálculos, com atividade de interesse do adolescente, futebol e música.

A intervenção pautava-se em pontuar os aspectos qualitativos dos avanços e acertos das proposições e ajustar possíveis desarranjos quanto a realização da atividade proposta, mas sempre respeitando o tempo e o espaço do adolescente. Neste manejo, as atividades propostas em cada sessão eram pensadas com base na demanda discutida na sessão anterior, pautando sempre na construção do desenvolvimento do sujeito segundo a sua fala. Durante as sessões, os estagiários buscavam pela responsabilidade do cliente para consigo mesmo, informando-o sempre sobre a conduta da atividade a ser desenvolvida, estabelecendo ao término, uma devolutiva sobre o processo.

Caso clínico 02

Adolescente, 14 anos, matriculado regularmente na 7^a série do ensino fundamental, diagnosticado com Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH), não faz tratamento medicamentoso por conta de uma cardiopatia. Foi encaminhado à clínica escola com queixa de dificuldade de aprendizagem, porém o adolescente tinha um bom desempenho escolar. O paciente era acompanhado desde o primeiro semestre de 2020 no CIEPSI (Clínica Escola do Uniceplac)

Durante a anamnese, a mãe do adolescente relatou que ele é tímido, reservado, muito calmo e prestativo. No decorrer dos atendimentos, o paciente se mostrou pouco participativo, contudo, realizava todas as atividades propostas. Os atendimentos eram realizados por vídeo chamada e ocorriam semanalmente. Os estagiários tentaram estabelecer vínculo trazendo assuntos de interesse do paciente, como vídeogames e gibis. Devido ao fato do paciente ser pouco comunicativo e não estar se engajando nas atividades propostas, foi proposto que as sessões fossem realizadas presencialmente.



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Após a autorização da mãe, as sessões passaram a acontecer na clínica de modo presencial. Observado uma maior participação do paciente e interação do que no atendimento on-line. Após a primeira sessão presencial, o paciente relatou que preferiu o novo formato. Tal manifestação motivou os estagiários, uma vez que o atendimento remoto estava causando frustração tanto no paciente quanto nos estagiários, devido à dificuldade de estabelecer o vínculo.

Apesar da disponibilidade dos estagiários e da vontade de enxergar o indivíduo além do seu diagnóstico, o paciente não correspondeu, impossibilitando assim a relação entre paciente e terapeuta. Possivelmente, caso houvesse tempo para a realização de mais sessões, o vínculo poderia ter sido estabelecido.

No decorrer das sessões eram desenvolvidas atividades de leitura e interpretação de texto e jogos de conhecimento geral, todos voltados para assuntos de interesse do paciente. As atividades eram executadas com êxito e rapidamente. Durante o atendimento, os estagiários deixavam um momento em aberto para o paciente trazer suas demandas pessoais, sem relação com sua vida escolar, porém o adolescente não se utilizava deste espaço.

Embora, o paciente tenha o diagnóstico de TDAH e da queixa da escola, foi observado que o indivíduo tinha uma boa concentração. Partindo dessa observação, surgiu a necessidade de realizar testes de atenção. Para tanto, foi utilizada a Bateria Psicológica para Avaliação da Atenção (BPA), que permite aferir a atenção concentrada, dividida e alternada. O score obtido pelo adolescente na bateria de testes foi acima da média para indivíduos da sua idade. Diante dos resultados dos testes, do desempenho escolar do paciente e do desempenho nas atividades propostas durante os atendimentos psicopedagógicos, foi sugerido para a família que buscassem uma reavaliação do laudo de TDAH do paciente.

Infelizmente, há um crescimento no diagnóstico e na medicalização de crianças e adolescentes, sobretudo pelo diagnóstico equivocada do TDAH. Além do uso de uma medicação que não corresponde as reais necessidades dos



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

adolescentes, há a nomenclatura que pode tamponar outras questões subjetivas do adolescente. Carneiro e Coutinho (2020) tecem comentários históricos de como a medicalização é reforçada pela Neurociência, que trata os transtornos como de origem puramente orgânica, por conseguinte, a medicação surge como solução ao mal-estar contemporâneo, social, político, próprio do laço social, uma resposta rápida, que traz a ilusão de bem-estar.

Nesta concepção, torna-se fundamental que o ambiente terapêutico na psicopedagogia, aceite o mal-estar que é inerente aos processos de educação e da adolescência. “Talvez possamos supor que aquele especialista, capaz de suportar o não saber, é também aquele que entende que o tratamento envolve outros recursos para além da medicação, incluindo a importância da família e da escola como coadjuvantes no tratamento” (CARNEIRO E COUTINHO, 2020, p. 120)

Nesta experiência, a comunicação verdadeira pode ser colocada no lugar de uma necessidade, pautada em um elemento do ambiente, seja para fornecer acolhimento na dependência ou no enfrentamento de uma falsa verdade, de forma firme e afetiva. O encontro funciona como uma importante ferramenta, capaz de reconstruir em ambiente neutro, as condições necessárias para elaboração e, ao mesmo tempo, pode usar a sua concepção de verdade para promover ações que possam ajudar no crescimento e/ou desenvolvimento do ser real.

Neste sentido, o terapeuta participa da relação como um apoio, não como uma alternativa de lar, no sentido morada, pois essa concepção de ambiente é individual. Este encontro viabiliza uma relação profunda a partir dos elementos que o sujeito carrega em sua bagagem cultural, o que pode estimular capacidades criativas, revisões a áreas interrompidas, enfim promover reencontros entre as ideias e o comportamento.

“É neste véis que a psicanálise pode contribuir para a psicopedagogia, possibilitando provocações em que as



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

intervenções psicopedagógicas devem estar voltadas para a criação de espaços de escuta e de fala desse sujeito, de modo que ele saia de um lugar de passividade, e passe a ocupar uma posição de sujeito desejante e falante, que assume a autoria da construção de sua aprendizagem” (DA SILVA, et al, 2020, p. 119).

A partir destas informações, que compreendem o desenvolvimento humano, sobre as perspectivas de relações entre os sistemas grupais, o psicopedagogo deve analisar a demanda apresentada, seja de aprendizado ou de comportamento, sobre a ótica de uma rede, inerente ao indivíduo em análise, representada, muitas vezes, pela família, escola e comunidade e, não apenas no lócus do problema em si.

Dessa forma, o contexto psicopedagógico perpassa por relações educacionais, familiares, estratégias de ensino, procedimentos didáticos, afeições, emoções e a vivência de todos estes com os atores escolares através de como os sentem e agem em uma ação investigativa-integrativa permeando esses processos progressivos de interação duradoura entre o organismo biopsicológico, as pessoas, objetos e símbolos, em seu ambiente, fazem da ação do psicopedagogo um instrumento catalisador do sistema em prol do desenvolvimento humano.

Considerações Finais

Os atendimentos aos adolescentes possibilitaram reflexões sobre a importância do manejo no tratamento do adolescente na psicopedagogia, escuta qualificada, conhecimento ampliado sobre os processos de aprendizagem, e não focar exclusivamente no diagnóstico do paciente, deparar-se com o sujeito que se apresenta. Analisou-se os adolescentes não apresentam dificuldades de aprendizagem, possuem capacidades cognitivas para desenvolver sua escolarização com sucesso, está em processo de aquisição de competências



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

específicas da linguagem e de cálculos matemáticos, necessitando de atenção e um modo didático que se aproxime de suas interações como aluno e como pessoa. Em outras palavras, de apoio que os ajude a sair do movimento de recusa à aprendizagem formal.

Sobre as queixas relatadas, percebemos uma estreita relação com o momento atual que atravessa a humanidade, a pandemia do Covid-19, que interfere na rotina de todos, e acomete o processo de escolarização. Para tanto se faz necessário atribuição de responsabilidades, acompanhamento e auxílio nas atividades designadas e participação da família com o fator de incentivo e reconhecimento de desempenho. Observou-se que a mudança de rotina também agravou alguns comportamentos como a insônia, a agressividade e o rebaixamento do humor, os quais podem estar relacionadas também ao uso excessivo do aparelho celular com jogos e filmes incompatíveis à faixa etária. Quando o vínculo de confiança foi estabelecido conhecemos outros adolescentes totalmente diferente do que nos fora descrito: atencioso, carinhoso, educado, com vontade de aprender e buscando amigos.

Referências

CARNEIRO, Cristina.; COUTINHO, Luciana. G. **Infância, adolescência e mal-estar na escolarização: estudo de casos em psicanálise e educação**. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2020.

COUTINHO, L. G.. Adolescência, cultura contemporânea e educação. **Estilos clin. [online]**. 2009, vol.14, n.27, pp. 134-149.

DA SILVA, Joísa Pereira et al. Contribuições da Psicanálise no Atendimento Psicopedagógico de Crianças com Deficiência Intelectual. **Amazônica-Revista de Psicopedagogia, Psicologia escolar e Educação**, v. 25, n. 2, jul-dez, p. 108-126, 2020.

DOLTO, F. **A causa dos adolescentes**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

MACHADO DE OLIVEIRA, Daniella, & Pereira Fulgencio, Leopoldo.

Contribuições para o estudo da adolescência sob a ótica de Winnicott para a Educação. **Psicologia em Revista**, 16(1), p. 67-80, 2010.

SAMPAIO, Maria Luísa Carvalho de Almeida. A recusa do adolescente a entrar no jogo escolar ou a recusa dos adultos a introduzir a lei: um estudo de caso. In: **Proceedings of the 6th Psicanálise, Educação e Transmissão**. 2006.

VISCA, Jorge. Epistemologia Convergente. **Clínica Psicopedagógica**, 1987.

WINNICOTT, Donald. **Tudo começa em casa**. Ubu Editora, 2021.

Recebido 7/8/2021.

Aceito: 7/12/2021.

Autores:

Adriana Ribeiro Batista Carvalho

Graduanda em Psicologia, Professora da educação básica da SEEDF, graduação em Ciências Biológicas. Mestre em Ciências Genômicas e Biotecnologia e Doutora em Biologia Molecular.

E-mail: dricagen@gmail.com

Sergio Carvalho de Sousa

Graduando em Psicologia, Licenciado em Letras - Português e em Pedagogia. Experiência de atuação em Coordenação Pedagogia, Supervisão Escolar e professor de Língua Portuguesa.

E-mail: sergiosousa07@gmail.com

Elen Alves dos Santos

Psicóloga, Especialista em Infância e Adolescência, Mestre em Educação e Doutora em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento (UnB).

E-mail: elenpsi@gmail.com

Professora universitária na UNICEPLAC/DF

Endereço: SIGA Área Especial para Indústria Lote 2/3, Scc St. Leste Industrial - Gama, Brasília - DF, 72445-020